

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA INTERPRETAÇÃO
POSITIVISTA E FUNCIONALISTA NA GEOGRAFIA

Maria do Espírito Santo Cruz
Deptº de Geografia
Universidade Federal do Pará

Alguns geógrafos brasileiros tem procurado desenvolver trabalhos dentro do funcionalismo. A bibliografia geográfica sente carência de trabalhos que relacionem a geografia com os problemas teóricos do funcionalismo, com excessão de alguns estudos que podem ser citados como os de Faissol (1973), Adas e Bray (1975), Corrêa da Silva (1976) e Bray (1976).

O Determinismo e o possibilismo discutidos em velhos debates pela geografia clássica ou tradicional, pouco se tem estruturado de fato quanto aos problemas teóricos, metodológicos, filosóficos e ideológicos que associavam e regiam essas idéias no final do século passado e princípio deste.

A essência da geografia clássica ou tradicional, traz em seu bojo a presença da filosofia positivista. Já no século XIX até nossos dias o positivismo tem sofrido alterações na geografia. O seu fortalecimento com a influência do evolucionismo de Darwin, passou-se como período Organicista ou funcional organicista (Fernandes, 1976, geografia teórica, volume 2, número 4, 1977). Houve um predomínio dessa fase, no pensamento cien-

tífico geográfico desde o século XIX até o início do século XX, e contemporizou-se como a corrente do funcionalismo geográfico.

Notadamente, as correntes positivistas que procuravam fazer da geografia um segmento dos modelos e dos métodos das ciências biológicas e naturais. Nesta corrente estariam compreendidos o organicismo Spencista e o determinismo ambiental de Ratzel, através da mesologia - onde a sociedade e os grupos humanos seriam um resultado combinado das condições ambientais (clima, solo, relevo e raça)*

Posteriormente, se faz presente uma nova fase do positivismo atuando sobre a geografia, surge o pluricausalismo ou possibilismo. O pluricausalismo ou possibilismo postulava na explicação dos fenômenos geográficos a pluralidade das linhas de evolução, sobre a qual a somatória dos fatores econômicos, étnicos, ambientais, históricos etc, dariam uma explicação as diferentes áreas geográficas considerando-se a diferenciação de fatores alternados. Todavia a explicação para esses fatores e causas que caracterizam o "regional", o pluricausalismo geográfico conserva as forças oriundas do meio natural como principal objeto de estudo dos geógrafos considerados "físicos" e os outros fatores seriam enfatizados pelos geógrafos "humanos".

No pluricausalismo são procurados os objetivos imediatos da investigação geográfica como: os estudos da localização dos lugares, os trabalhos monográficos, a particularidade analisada de cada área, região ou agregado humano.

É no confronto dessas correntes nos fins do século XIX e início deste, que o funcionalismo se faz presente na geografia, como um instrumento que ajuda a interpretar a realidade geográfica, o que parece comprometer-se com a ideologia colonialista européia sobre as demais áreas do globo.

Segundo Silvio Carlos Bray (geografia teórica, 1977) "é no seio da ideologia evolucionista e colonialista que a corrente funcionalista concretiza-se no início do século XX, através de uma posição contrária ao evolucionismo Darwiano e a partir das dificuldades encontradas pelo imperialismo europeu nas áreas colonizadas".

Enquanto no século XIX, por influências da teoria evolucionista, o geógrafo era mais dedutivo que indutivo (trabalhando em bibliotecas e procurando aplicar o modelo evolucionista Darwiano, às diferentes realidades geográficas), no início do século XX é o "homem do campo" que passa a ser caracterizado como o verdadeiro sábio e pesquisador. Pois, ao mesmo tempo que ele estuda o terreno nele constrói a ferramenta conceptual própria. Nessa fase observamos o aparecimento da necessidade de se estudar as estruturas regionais das diferentes áreas do globo, fazendo com que essas estruturas, se tornem uma das principais fontes da "geografia do campo". Desenvolveu-se uma preocupação de elaborar uma teoria que compare e sistematize as várias regiões do globo, assunto esse que enriquece uma bibliografia geográfica, preocupada em generalizar e teorizar a priori, tendo como pressuposto a posição pluricausal e aos exageros levados pela aplicação anterior do modelo evolucionista. Em decorrência de tais fatores, amplia-se o interesse aos estudos monográficos regionais pelos geógrafos funcionalistas.

* Geografia teórica (1977) volume 2, número 4.

Segundo ainda Bray (1977, geografia teórica) o uso do termo função na geografia surgiu inicialmente com a preocupação de assimilar a superfície terrestre ou a área geográfica a um organismo, isto é a transferência de conotação biológica da palavra "função" para a geografia.

Para Bray a história do analogismo orgânico ou da analogia orgânica no pensamento geográfico é muito antiga. Cita que o geógrafo inglês Stoddart mostra no seu trabalho sobre *"Organismo e Ecossistemas como modelos geográficos"*, influências biológicas e diz: *"A influência dos conceitos biológicos na geografia, no entanto foi não só mais profunda como mais penetrante do que a referência expressa pode sugerir. Assim, a despeito da insistência atual na importância da diferenciação de áreas como uma estrutura metodológica para a geografia, deduzida por Hartshorne do trabalho de Von Richthofen e Hettner, muitos trabalhos geográficos nos últimos cem anos inspiram-se diretamente em Darwin e na revolução biológica começada por ele"* (Stoddart, 1974, segundo Bray). O referido autor (Stoddart) *"assinala que a analogia orgânica atuou em três níveis distintos no trabalho geográfico: os da terra, suas regiões e seus estados em cada nível seu uso antecede muito a teoria evolucionista Darwiana. As teorias orgânicas tanto do estado como da terra remontam aos tempos clássicos e medievais e foram reunidos por filósofos como Hobbes e outros!"* Grande parte deste trabalho inicial foi considerado abstrato e metafisicamente teleológico, como na concepção da unidade terrestre de Ritter e na filosofia cosmológica de Humboldt.

A partir de Darwin é que essas idéias consideradas metafísicas e quase que incipientes foram analisadas cientificamente concretas

pelos positivistas, dominando todo o pensamento, científico de 1870 a 1900. Bray, citando Stoddart diz *"é a Bute 91808), e especialmente a Ritter, que "a idéia da terra como um organismo em funcionamento pode melhor ser atribuída"*. Opiniões semelhantes foram expressas por Alexandre Von Humboldt e meio século mais tarde por Vidal de La Blanche, que reconhecem seu débito para com Ritter num aforismo muito citado - *la terre est tout d'ont les parties sont coordonnées*. Os conceitos orgânicos também são encontrados em Brunhes e de acordo com Stoddart, Dryer nos Estados Unidos diz que a geografia é a sua anatomia fisiológica e psicológica (Stoddart, 1974, pág 71 - citação de Bray - geografia Teórica, outubro, 1977).

Podemos salientar que o princípio geral da dependência mútua das partes que assemelha a superfície da terra a um organismo é um critério que também foi utilizado pelos mecanicistas e pelos modelos mecânicos. Considerando a análise de Bray (geografia teórica, volume 2, número 4, outubro de 1977) importante para o nosso estado passamos a reproduzi-la conforme se segue: apesar das analogias orgânicas terem sido utilizadas nas ciências humanas desde a antiguidade clássica, o emprego científico sério destas analogias inicia-se a partir de Darwin, com as influências ideológicas citadas anteriormente. Na sociologia, o expoente do funcionalismo orgânico foi Herbert Spencer, e na geografia as teorias orgânicas aplicadas as áreas geográficas e ao estado deve-se em grande parte a Friederich Ratzel, que de acordo com Stoddart (1974, p. 72), *"sua obra inteira é colorida pelo pensamento evolucionista darwiano e Spenceriano"*.

Nos fins do século XIX e início do século XX, o analogismo orgânico, conforme Buckley

(1971, pg. 30), aparece com tendências distintas nas ciências humanas. De um lado, estavam aqueles que estudavam a área ou o meio geográfico dentro de uma visão de Darwismo isto é, um meio geográfico onde os elementos que o constituem estão em conflito constante, ou uma área, basicamente conflitual. Enquanto de outro lado existiam pesquisadores que analisavam o meio geográfico como um meio predominantemente cooperativo. Pois se a área geográfica é como um organismo, as suas partes cooperarão e não competirão na luta pela sobrevivência, mas se a área for considerado um agregado ecológico, será mais aplicável o modelo darwiano de luta competitiva. Enquanto Ratzel segue o modelo darwiano de luta competitiva entre os elementos geográficos, a escola pluricausalista de geografia liderada principalmente por La Blache e Brunhes, adota a área geográfica como um organismo onde os elementos cooperarão.

Conforme a colocação feita por La Blache podemos notar o sentido de cooperação entre os elementos no meio geográfico: *"Em suma, o que resulta nitidamente destas investigações é uma idéia essencialmente geográfica a de um meio composto, dotado de uma potência tal que pode agrupar e manter juntamente, seres heterogêneos em coabitação e correlação recíproca"*.

Esta noção parece ser a própria lei que rege a geografia dos seres vivos. Cada região representa um domínio onde se reuniram artificialmente seres dispares, que aí se adaptaram a uma vida comum e segue *"mesmo na região das selvas africanas de grande estatura e os pigmeus de cor mais clara coexistem, mantendo relações recíprocas. Podemos considerar desde já como adquirida a distinção fundamental entre povo e raça, contrariamente aos hábitos da linguagem corrente que os con-*

funde sem cessar. Sob as analogias da língua, da religião da nacionalidade persistem e não deixaram de atuar as diferenças específicas implantadas em nós por longo atavismo. Entretanto, esses grupos heterogêneos combinam-se numa organização social que da população de um país, considerada no seu conjunto, faz um corpo. Acontece, por vezes, que cada um dos elementos que entra nesta composição adotou um modo particular de vida: uns caçadores, outros agricultores e ainda outros pastores. Vemo-los neste caso cooperar, unidos uns aos outros, pela solidariedade de necessidades". O mesmo conceito encontramos em Brunhes, de acordo com a citação abaixo diz: *"A expressão organismo terrestre parecia sem dúvida por de mais ousada todavia pode-se dizer, empregando as expressões de Claude Bernard, que há entre todos estes fenômenos da máquina terrestre, uma solidariedade orgânica e Social"* (Brunhes 1962, pg. 41 - segundo Bray - geografia teórica, 1977).

Assim mesma a controvérsia na geografia clássica que se registra na teoria geográfica em torno do modelo do conflito em oposição ao consenso reflete-se nos aspectos duplos do modelo biológico tão confusamente abordados pelos territórios geográficos. Ratzel como expoente do modelo Darwiano na geografia, reflete um meio geográfico em competição onde só os mais aptos conseguem vencer, daí o famoso *"determinismo ambiental"*. Ratzel via o homem como o produto final da evolução, uma evolução cuja a principal consequência era a seleção natural dos tipos na conformidade da capacidade de ajustarem-se ao meio físico. A semelhança de Ritter, tentou compreender o *"mundo como um todo integral, uma unidade interdependente"* (um dos postulados da teoria funcionalista). Entretanto, a obra de Ratzel diferia da de Ritter em dois importantes as-

pectos: considerava a geografia humana sistematicamente e não regionalmente, e do ponto de vista de Darwin (Tathan, 1959, segundo Bray - geografia teórica 1977).

Sobre Ratzel cita Stoddart: *"O organismo estado depende de propriedades de crescimento e competição e ao fazer isso vai além das concepções orgânicas da terra e da região. Num documento curto mais bem conhecido de 1986, Ratzel aperfeiçoou suas sete leis de crescimento dos estados e continuou esboçando a idéia subsequente notória de Lebensraum: "Assim como a luta pela existência no mundo vegetal e animal se centraliza sempre numa questão de espaço, também os conflitos das nações são em grande parte apenas pela luta por território"* (Stoddart, 1974, pg. 73 - segundo Bray geografia teórica 1977).

De acordo com o que colocamos anteriormente, o funcionalismo radical representa a versão moderna do modelo biológico, e coloca em destaque a "ordem", a "cooperação" e o "consenso", utilizando o modelo orgânico como exemplo de estreita cooperação das partes enquanto os geógrafos Darwinistas colocaram em destaque o tema da luta competitiva.

Podemos notar que os possibilistas, ou melhor os pluricausalistas, nada mais são do que os precursores básicos dos geográficos funcionalistas radicais, que adotando o esquema do pluricausalismo, a cooperação e o "equilíbrio" do meio geográfico, além dos postulados do funcionalismo universal, unidade funcional terrestre e da indispensabilidade, estabeleceram as bases das investigações de campo e os preceitos fundamentais para a interpretação das monografias regionais. Nesta fase o funcionalismo procura libertar-se das algemas do naturalismo através da fundamentação histórica, social, econômica da geografia cultural, e na acentuação da individualidade dos

fenômenos culturais-geográficos, e também na luta para a organização de uma escola sistêmica para o campo geral da geografia humana. A geografia funcionalista marca a passagem de uma posição naturalista unilateral para uma posição intermediária entre as ciências naturais e sociais, sem prejudicar o desenvolvimento da geografia física.

Dentro desse aspecto as relações causais com que a geografia funcionalista tem que lidar, não possuem uma direção estanque dos fenômenos culturais no seio de uma cadeia de causas; mas sim ao contrário, pois as relações causais são múltiplas e profusamente entrelaçadas no sentido de uma rede de causas. Com isso a geografia funcionalista tem que aprender os fenômenos em todas as suas "funções", isto é considerando todos os caracteres essenciais das regiões, principalmente os culturais, sociais e econômicos tentando compreender a dependência funcional. Em relação a esses aspectos as paisagens culturais não podem ser vistas apenas como um complexo estático das funções humanas que nela atuam presentemente, mas também a contínua troca de forças motrizes econômicas, sociais e políticas, isto é, através da análise histórica das "paisagens culturais".

O "funcionalismo" (em lugar da causalidade pura) e o "historicismo" (em lugar da observação estática) tornam-se as duas tendências mais importantes da geografia moderna, no estudo das paisagens e principalmente na pesquisa das paisagens culturais, conforme observação de Troll (1950, Bray - geografia teórica, 1977): *"O que caracteriza a influência de tendência funcionalista na geografia é o enfoque dado ao "processo" de formação de uma área e as conexões existentes, isto é, a valorização da abordagem dia crônica tanto quanto a sincrônica"* (Bray, 1977).

BIBLIOGRAFIA

- BRAY, Silvio Carlos. *Geografia Teorética*. Vol. 3, nº 4, outubro de 1977, pags.103 a 107 editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia Hucitec Ltda, - S. Paulo.
- GEORGE, Pierre. "*Os métodos da Geografia*" Coleção "Saber Atual", Difusão Européia dos livros São Paulo, 1972.
- WOOLDRIDGE, S. Wet... *Espírito e propósitos da geografia*. 2a. edição, Editora Zahar, 1967.

ESTUDO GEOGRÁFICO DOS CEMITÉRIOS DE BELÉM

Ana Maria Medeiros Furtado
Deptº de Geografia
Universidade Federal do Pará

APRESENTAÇÃO

O tema embora inédito na região, foi abordado no Brasil por Pegaia (1967), em São Paulo. Sua importância na Geografia Urbana faz com que mereça este estudo, pois as necrópoles constituem na verdade uma forma específica de ocupação do espaço urbano, pela extensão que ocupam, além de serem por tradição o lugar reservado para os mortos.

Embora o método da cremação exista em vários países do mundo além de constituir-se numa forma de menor ou não ocupação do espaço, sua utilização já começou a se fazer sentir no Brasil (nas grandes metrópoles), substituindo o tradicional método dos enterramentos.

Acompanhando sua história e distribuição espacial, um dos aspectos abordados será o crescimento urbano da cidade, em desproporção com a construção de novos cemitérios. Outras considerações serão feitas, dada a amplitude do tema, que dá margem a um estudo paisagístico diferenciado, onde o aspecto religioso, pátrio e sócio-econômico surgem como reveladores de uma paisagem cultural distinta, observada pela fisionomia dos cemitérios existentes e pela heterogeneidade dos túmulos.

Acrescentando a estes aspectos, outros que